

A ESCOLA NORMAL RURAL LA SALLE NA VOZ DOS EX -ALUNOS

Carmo Thum / DECC/FURG/PPGE-UNISINOS
Célia Carmem Martinson / PPGE-Doutorado UNISINOS/UNISC

COMUNICAÇÃO COORDENADA INSTITUIÇÕES, PRÁTICAS ESCOLARES E MUNDO RURAL

Porque, todo mundo fala em turismo, Europa, Espanha, mas nós temos que preservar a memória, e nós hoje temos pagando pra nós ver, mas tem que se fazer isso, alguém tem que começar a preservar a memória, porque senão amanhã, depois, vamos lá, ver isso aqui.. Isso aí é uma sala, é uma aula, viva de conhecimento, não adianta ter os livros guardados debaixo do armário. O povo tem que conhecer. É isso aí. (Lauro de Wallau, 2006)

A Escola Normal Rural La Salle, situada na região Noroeste do Rio Grande do Sul, município de Cerro Largo, instituição que atuou na formação de professores para o magistério rural entre os anos 1941 a 1972, é o tema do presente trabalho. Através deste objetiva-se compreender os usos e as finalidades da formação na escola normal rural. Há nos documentos analisado indicativo de que as práticas de formação eram voltadas para o fazer rural e que havia também a formação de liderança na área política, cultural, social e religiosa. Desta forma, abordar-se-á aspectos do currículo da Escola Normal Rural, tais como as práticas formativas e avaliativas na voz de ex-alunos desta instituição.

A Escola Normal Rural La Salle na voz dos “ex-alunos” insere-se no campo da pesquisa mais amplo, da “História das instituições escolares: escolas de formação de professores. A análise de aspectos da cultura escolar desta instituição não está centrado em documentos oficiais. Mas na perspectivas de estudos históricos na área da história da educação que trazem a voz dos atores educacionais, no caso, alunos.

Rockwell (1997), referindo-se à história cotidiana de uma experiência escolar no México, o seu estudo possibilita ampla leitura e análise sobre vários elementos da cultura escolar à escola enquanto instituição, sobre sua finalidade, papel do professor, aluno, função do ensino, tempos, espaços escolares, valores veiculados, concepções de mundo e transformações da experiência escolar e que compõe uma determinada experiência escolar. Este estudo se insere também na perspectivas de análises que vê a escola não apenas como transmissora e reprodutora, mas também como um local de produção do conhecimento. Como bem salienta Rockwell (1997), há uma série de dimensões formativas que atravessa toda a organização e práticas institucionais das escolas que ao mesmo tempo em que a escola produz conhecimento

preserva tradições, que são mantidas e transmitidas de geração a geração. Refletindo assim contextos da educação do país.

A autora chama também a atenção do pesquisador, para a necessidade de voltar a atenção para o interior da escola, como é o seu cotidiano, a construção da prática escolar. Destaca que aproximar-se desse campo de pesquisa é compreender a dinâmica e ordenamento interno da escola. Da importância e da necessidade de reconstituir a articulação que media o programa escolar e os alunos, compreender a experiência escolar cotidiana que condiciona o caráter e o sentido do que é possível ensinar/aprender na escola.

Neste sentido objetivando compreender o processo de escolarização dos ex-alunos e a partir destes o funcionamento daquela instituição escolar na área rural do Rio Grande do Sul, será utilizada a fonte oral, narrativas de ex-alunos que estudaram na escola normal. Através da técnica da entrevista semi-estruturada com questões vinculadas aos temas apresentados anteriormente, partindo das narrativas de diferentes sujeitos envolvidos no processo educativo, ex-alunos identificar o lugar, a valorização do estudo naquela instituição.

Anexar a memória como uma fonte para a história é atribuída à NORA, quando passou a diferenciar a memória como história vivida e história como produção intelectual. Afirma que não são sinônimos. “A memória é a vida carregada por um grupo em permanente evolução, aberta à dialética. A história é a reconstrução sempre problemática do passado; demanda análise e discurso crítico”. (NORA, 1993: 9)

A Escola Normal Rural La Salle de Cerro Largo

A Escola Normal Rural La Salle surge dentro do contexto político-econômico do início da década de 1940, tendo a perspectiva de progresso técnico como um de seus motes para o desenvolvimento econômico-cultural do país. Impregnado pela perspectiva de um necessário investimento de conhecimento sobre as práticas agrícolas da nação brasileira, o dissiminação de novas práticas de cultivo, com o intuito de ultrapassar a produção de subsistência, a aposta na produção de larga escala, com vistas à exportação, indícios da chegada da perspectiva de produção padronizada, com presença de tecnologia de ponta com vistas a uma nova forma de capitalismo que se anunciava pós-29.

Para Werle (2006) “Usualmente fala-se da Escola Normal como ‘o *locus*’ da formação de professores de primeiras letras. Houve, entretanto outros importantes espaços de formação inicial de docentes para escolas elementares, quais sejam a Escola Normal Rural e a Escola

Complementar. [...] As Escolas Normais Rurais constituíram homens para o magistério de primeiras letras num movimento vinculado à necessidade de estancar o êxodo para as zonas urbanas e à importância de desenvolver lideranças religiosas rurais que também promovessem a utilização de tecnologias mais avançadas para o mundo rural” (2006, p.68/69).

A Escola Normal Rural La Salle de Cerro Largo iniciada em 1941, em sua área de abrangência, ultrapassou os limites naturais tendo presente nessa ação formativa representantes de municípios longínquos, como era o caso de alunos de Alegrete, São Borja e outros que faziam parte da fronteira recortada pelo Rio Uruguai. Desde as Terras próximas da região do Alto Uruguai ao pampa gaúcho, fronteira com a Argentina. É bom lembrar que estamos tratando do mesmo espaço geográfico ocupado pelos Guaranis e colonizados pelos Jesuítas, na organização dos 7 povos das Missões. Cerro Largo, município colonizado predominantemente por imigrantes alemães e seus descendentes, mas também por italianos e poloneses. Pode ser tomada como um centro aglutinador de toda a região Noroeste do Estado, pois estava à direita do Rio Ijuí, que era a fronteira natural entre as terras de campo e as terras de mata-virgem (Mata Atlântica) tidas como muito férteis desde as coxilhas de Ijuí até a fronteira com a Argentina, abrangendo toda a bacia do Rio Uruguai.

A presença das instituições religiosas deu-se desde o nascimento da Colônia Cerro Azul (hoje Cerro Largo), que tinha entre os seus primeiros colonizadores o Pe. Max Von Lassberg, SJ, como líder religioso e comunitário, que em muito colaborou para a organização da nova comunidade que surgia e seu exemplo orientava muitas práticas comunitárias.

Local de um micro clima favorável às práticas agrícolas, que aliadas às terras férteis e a um grupo humano com uma disciplina de trabalho extrema, apresentava perspectiva de alta produção. Entre os dados de referências históricas, Cerro Largo tem centralidade desde sua fundação, pois como nos indica Kreutz (2004:108) “Os Lassalistas Franceses chegados ao Brasil em 1904” contribuíram para expandir a assegurar a formação de líderes comunitários vinculados ao projeto de comunidades rurais católicas iniciado pelos Jesuítas. A presença dos Irmãos Lassalistas na região de Colonização alemã deu-se, entre outros aspectos históricos, devido ao refluxo e dificuldades encontradas pelas ordens religiosas católicas na Europa, momento em que a igreja se confrontava politicamente com a forma de gestão pública dos estados-nações europeus:

“Enquanto na Europa a Igreja “perdia” as massas operárias e confrontava-se, por vários motivos, com diversos governos; enquanto o capitalismo crescente abalava estruturas arcaicas e milhões de camponeses deixavam o campo em busca de trabalho nas indústrias; enquanto o liberalismo laico se expandia e a massa operária deixava uma religião de cunho agrário, no Rio Grande do Sul, os colonos imigrantes reconstruíam sua cultura sob o modelo da pátria de origem e sob a primazia do espiritual.” (KREUTZ, 2004: 109).

A presença dos Irmãos Lassalistas na Cidade de Cerro Largo deu-se a partir de 1935, dentro do Projeto Católico dos Jesuítas. Os Irmãos Lassalistas, localizados ao lado da Igreja Matriz, assumiram a tarefa de continuar e formação cultural e religiosa, para a qual forma sempre muito solicitados pela comunidade e para quais a comunidade cerrolarguense tem muito apreço e consideração.

Em 1943, o Rio Grande do Sul contava com três Escolas Normais Rurais da Arquidiocese, em Porto Alegre, a Escola Normal Rural La Salle de Serro Azul, atual Cerro Largo e Escola São José do Murialdo em Caxias. Como a congregação se articulava para trazer novos alunos para a instituição bem como para a congregação religiosa? Um dos ex-alunos relata da seguinte forma:

“Mas me recordo também agora uma outra figura que foi o irmão que ele é vivo ainda, tá com noventa e três anos, o irmão Alfredo “Wellman”, na época era conhecido por Irmão Geraldo e ele foi era diretor dos irmãos em Santo Cristo e ele foi o primeiro lassalista que eu vi na minha vida quando eu era criança na terceira, quarta série quarto ano primário, ele era inspetor municipal das escolas de Santo Cristo. Então o que ele fazia? Ele tinha obrigação também de visitar as escolas primárias. Algumas eram escolas da comunidade, os professores eram pagos pela comunidade, mas depois as prefeituras também foram encampando essas escolas. Então ele na profissão de inspetor escolar colocado pelo governo, ele aproveitava estas visitas para também fazer um pouco de campanha ou de esclarecimento, de informação sobre a congregação e convidando alunos que quisessem seguir a carreira dele né, de irmão, e eu, mil novecentos e cinqüenta e sete, oito por aí.”

De acordo com outras narrativas de ex-alunos, umas das exigências para solicitar uma vaga junto a escola normal rural, era realizar o exame de admissão.

“Tinha que fazer um tipo vestibular. Tinha admissão que nós chamava. Admissão tinha que fazer um curso antes, e se passava entrava, se não passava ficava de fora. E por isso a gente estudou aí que era pertinho, era um colégio dos irmãos na época de muita fama, então a gente resolveu tirar isso aí porque desse colégio mesmo aí, com esta formação que deu de professor aí, deu advogado, deu médico, deu um monte de coisa que ingressaram na faculdade.”

Questionados sobre a razão da escolha da escola Normal Rural La Salle de Cerro Largo, de maneira geral relataram que:

“Bom, em primeiro lugar eu posso dizer que naquela época era a única alternativa que eu tinha de estudar, porque escolas de segundo grau, naquele tempo era primeiro grau ainda o normal rural, mas depois da quinta série não tinha outra opção na

região, então a gente foi estudando no colégio, principalmente porque era um colégio de irmãos, era professores bastante gabaritados, e era uma escola de muito bom conceito na região aqui. Basta dizer que vinham alunos naquela época de toda a região aqui. Vinha da fronteira, de Santa Rosa, de Tuparandi, de toda a região vinha bastante gente. Tinha internato e externato.”

Havia o incentivo da família para que o filho desse continuidade na sua formação para além da escola elementar.

“Na época, meu pai achava por bem que cada um tinha que tirar um curso, e eu achei que o Ênio saiu do colégio e não lecionou também, mas aí, como tinha que ter uma instrução uma coisa, resolvemos estudar nos irmãos porque a gente gostava do colégio e achava de fundamental importância porque vinha gente de toda a região pra entrar nesse colégio aí, porque não era assim no mais pra entrar ali pra se formar um professor.”

A Escola Normal Rural La Salle, masculina que funcionou entre 1941 e 1972, tinha seu currículo organizado para atingir o objetivo de formar professores para o ambiente rural e a fidelidade à fé cristã, acrescentando à formação do professor a do catequista”. (WERLE, 2005, p.14)

“E nós tínhamos na época quatorze matérias. Puericultura também nós tinha que aprender. O Dr. Bruno até era o nosso professor. Um monte de coisa que até já foi esquecido, tanta matéria que tinha que nós tinha que aprender. [...] Mas é o que eles ensinavam ali tava tudo na matéria, e era umas cinqüenta folhas datilografada de agricultura. Ensinavam a plantar o trigo, o milho, tudo.”

Os alunos da Escola Normal eram enviados pelas prefeituras de municípios vizinhos com o objetivo de serem formados professores rurais. Para que a identificação com o campo se configurasse, era necessário conhecer agricultura – o estudo da terra como suporte e como condição de vida de todos os seres – e zootecnia, esta voltada para o trato dos animais domésticos em geral, incluindo a suinocultura, bovinocultura, eqüinocultura, dentre outros animais. Os estudos também abrangiam a agricultura especial, que estudava as plantas em particular, como arroz, o feijão, o milho, o trigo e a soja. Fazia parte também do currículo o ensino de adubação, química do solo, conservação do solo e sua recuperação. Eram da mesma forma contempladas informações acerca dos cuidados necessários com o desmatamento, e estudos acerca das águas hídricas, pluviais e as nascentes. (WERLE, 2005, p. 14).

A Escola Normal La Salle funcionava como internato para alunos residentes em cidades distantes como os que vinham de São Sepé, Livramento, Dom Pedrito, Gravataí, Porto Alegre, Novo Hamburgo. Sendo mantida pela ordem dos irmãos Lassalistas havia inicialmente apenas três professores leigos. A ação destes professores não se restringia ao tempo de aulas, mas

organizavam jogos e momentos de recreação e interação esportiva para os alunos. (Werle, 2005, p. 14/15).

“Era uma escola, da época, eu vou te contar uma coisa, que eu até hoje, sinto, que eu vejo o estudo de hoje, meio dia só, e nós era o dia inteiro. Tinha oito horas de aula, mas aula, não era brincadeira. Tinha que saber a matéria. O colégio da época pra mim era uma perfeição, que dificilmente hoje teria um aluno que agüenta um colégio desse pra fazer tudo isso que nós fazia lá.”

“Com pequenas coisas mais de aperfeiçoamento, entraram na faculdade. Têm médicos, muitos de renome, um deles ta vivo, acho que lá em São Paulo, o “krüger”. Saiu desse colégio aí, é médico especialista... Tem dois ou três médicos especialista que eram professor rural e que ... advogado um monte, promotor, juiz, isso nem se discute.”

Rituais Escolares: a prática avaliativa e disciplinar na Escola Normal La Salle

Sendo os alunos filhos de imigrantes, acostumados a uma vida de trabalho árduo e de uma cultura doméstica altamente disciplinadora, patriarcal e hierárquica, a presença das práticas disciplinares no espaço escolar não era alvo de questionamento, mas sim de requerimento por parte das famílias, que consideravam(ão) a disciplina como elemento fundamental da aprendizagem, e quando esta estivesse aliada aos preceitos religiosos, completava seu círculo, sendo uma estrutura confiável e capaz de formar as novas gerações para o desenvolvimento vislumbrado, sempre sonhado e desejado pelos colonizadores.

“Chegou pra dentro do pátio lá tu tinha que ter a disciplina, mas disciplina mesmo, do interno, do externo era a mesma. Agora fora do colégio os irmãos não tinham mais nada que ver. Mas lá, depois que tu entrava lá pelo portão do colégio tu era interno. Era aluno com disciplina. Lá tinha disciplina. O irmão dava um apito lá, transforma todo mundo, ninguém mais dava um chio. Era colégio disciplinado. Mesmo que, mais que o exército.”

O momento em que se percebeu ser, segundo a economia de poder, mais ineficaz e mais renovável vigiar do que punir. Este momento corresponde à formação, ao mesmo tempo rápida e lenta, no século XVIII e no fim do XIX, de um novo tipo de exercício de poder. O século XVIII encontrou um regime por assim dizer sináptico de poder, se seu exercício *no* corpo social e não *sobre* o corpo social. (Foucault, 1999, p. 129). Em relato recolhido de um ex-alunos da turma de 1955, este declara que a vivência do espírito religioso católico era prática comum:

“Era fundamental porque naquele tempo só existia a religião católica, e nós éramos obrigados só, nós só se formamos dentro da igreja católica. Tinha que... Olha, o catecismo, os mandamentos, olha, o que um padre sabia nós tinha que saber. Era coisa incrível, e eu não gostava muito de estudar religião, mas tinha que aprender. Até por isso gravou na minha cabeça nome de coisas que chegava na época lá, os

Irmãos, na minha primeira comunhão eu me lembro que já foi dentro do colégio deles, lá chegou o dia de fazer a pergunta pra mim, logo quem era, o bispo, e eu não esqueci até hoje, se chamava Dom “Mesto” Milton de Almeida Batista. Era um negro lá de Uruguaiana. E o vigário e o papa era Pio XII, tudo isso tinha que estar ao pé da letra, na nossa igreja.”

Nas questões referentes ao processo de formação moral e religiosa, os estudos históricos apontam para uma forte presença da religiosidade nas práticas cotidianas, como vemos em Kreutz (2004: 218) “Entre os objetivos e funções da Escola Normal, sempre se salientava a “primazia do espiritual”, buscava-se o ensino da pedagogia, mas voltada especialmente para o lado “espiritual” da tarefa escolar. Ela deveria ensinar como levar a efeito os princípios católicos a respeito da comunidade e da família.” Esta perspectiva permaneceu como uma constante até o final da experiência da Escola Normal Rural La Salle, pois um ex- aluno do fim da década de 1960 assim se pronuncia:

“Ah, isso, a educação religiosa acho que foi muito boa. Eu até nunca tive um acompanhamento religioso como aqui nos irmãos. Isso o pessoal primava mesmo. As aulas eram dadas assim por irmãos, os irmãos que davam e volta e meia eles traziam uns slides, naquela época tinha muito slide, algum filmezinho e procuravam volta e meia fazer uma missa onde eles envolviam os alunos. Então a prática religiosa assim, a transmissão da fé, naquele modo, naquela época né, então eu acho que foi bastante boa.”

A passagem acima corrobora o que Kreutz (2004: 225) apresenta em sua análise sobre o cotidiano da vida escolar entre imigrantes alemães, afirmando que “a disciplina rígida, a força de vontade usada ininterruptamente na formação do caráter foi uma característica do método jesuítico de Inácio de Loyola presentes entre os católicos teuto-brasileiros.”

Para o exercício do poder diferentes instrumentos foram criados para o registro do saber tais como citados por Foucault: métodos de observação, técnicas de registro, procedimento de inquérito e de pesquisa, aparelhos de verificação.

No relato de ex-alunos na Escola Normal Rural de Cerro Largo na década de 40 a 70 do século passado. Foi recorrente a descrição alguns dos mecanismos disciplinares e avaliativos, como a prova final de ano. Prática que se estendia com maior rigidez ao momento de verificação do aprendizado, se concretizava na prova e nos exames finais. Indica que não era uma avaliação somatória. Verificando documentação da Escola Normal Rural La Salle de Cerro Largo de 1967 no “Regimento Escolar” observa-se que: Capítulo XII – Das Provas - Art. 65º - haverá anualmente, para cada disciplina, uma prova final escrita, de caráter objetivo, realizada tão logo a escola completar 180 (cento e oitenta) dias letivos; Art. 66º - A prova versará sobre

toda a matéria lecionada durante o ano letivo, assegurem o máximo de objetividade na avaliação do rendimento escolar. Esta prática encontra-se explicitada por um dos ex-alunos da seguinte forma.

“E o sistema dos irmãos era, não era como hoje que tinha que somava a nota do decorrer do ano. Nós chegava cada mês nós tinha uma prova de todas as matérias. Era feita prova. E aquela prova não somava ponto não, pro fim do ano. Nós, no fim do ano, chegava o fim do ano, nós tinha que fazer o exame escrito e oral de tudo o que se passou durante o ano. Eles tiravam lá daquelas matérias as perguntas e nós era obrigado a responder, no português, matemática, tudo o que tinha passado durante o ano, nós tinha que fazer o exame escrito e oral. O problema, o meu maior problema era que eu cantar era zero, e era obrigado a cantar. Me fizeram eu cantar o hino nacional. Foi o maior problema da minha vida. A gente, to te contando isso, agente ta gravando que é uma realidade”.

Quanto ao processo de finalidades formativas da instituição, as práticas de aprendizagem incluíam a participação do professor como líder comunitário, religioso e cultural, como vemos nos relatos seguintes:

“Como de fato. Tanto é que, tu chegava numa comunidade tu era o presidente, tu era o padre, tu era o fazedor de enterro, por isso que era, a pessoa número um da comunidade era o professor rural. Chegava o professor na comunidade quando chegou o professor nós não precisamos nos preocupar, tem tudo. Ele tinha que determinar tudo o que precisava na comunidade.”

“Afinal de contas, que era uma escola polivalente, era, ensinava, desde o começo nós aprendíamos a ajudar a missa, rezar a missa, fazer batizado, o que dependia do interior, fazer enterro, nós era obrigado a aprender a fazer tudo isso dentro do colégio, e não só aprender, praticar. Nós tinha que fazer quando chegava a vez de cada um fazer. O meu maior problema foi ajudar a missa, aprender a falar aquele latim, aquela monstruosidade de coisas, que eu até hoje não sei o que eu dizia lá. “Aprendia aquela oração bem comprida no pé do altar, respondia todas as perguntas do padre, o padre rezava a missa. Qual que era o professor rural era isso. Era uma pessoa completa pro interior. O professor rural saía com a mala ia. Lá tu vai na tua escola lá tu vai ensinar de tudo. Agricultura, zootecnia, o que uma pessoa precisar no interior, nós era obrigado a saber, sair desse colégio com esse aperfeiçoamento.”

Questionados sobre a importância do curso no processo de suas vidas, os entrevistados manifestam com louvor os aprendizados obtidos durante o curso Normal Rural:

“O conjunto, o volume de conhecimento que se adquiria aí, é incomparável com o que se estuda hoje. Incomparável. E além disso, eu que era interno, no livro ta registrado, na época houve 160 internos aqui nesta escola, neste prédio...”

“Como de fato. Tanto é que, tu chegava numa comunidade tu era o presidente, tu era o padre, tu era o fazedor de enterro, por isso que era, a pessoa número um da comunidade era o professor rural. Chegava o professor na comunidade quando chegou o professor nós não precisamos nos preocupar, tem tudo. Ele tinha que determinar tudo o que precisava na comunidade.”

“A gente sabia fazer raiz cúbica, raiz quadrada com base, com base de cilindro, tudo o que é coisa, medidas de terra. Ah, nós tinha que aprender a medir terra porque nós ia no interior nós era o agrimensor também. Medir terra, e isso nós cansamos de

medir terra, bem certinho, quantos hectares dava, e dividir uma parte redonda, isso tudo nós aprendia. Medir terra também. Era uma das principal coisa que tinha, porque no interior dava muita encrenca de vizinho, e o professor é que ajeitava estas medidas, porque não tinha agrimensor. Então a medir terra também se aprendia.”.

Portanto, podemos observar que o processo de construção do professor Normal Rural Lassale encaminhou-se numa perspectiva onde “Socialmente, as funções do professor paroquial iam desde o zelo pelos bens da comunidade (capela, escola, terrenos), árbitro e pacificador de desentendimentos, até sua representação junto às autoridades civis e junto às instâncias políticas. Era também promotor cultural no sentido de encaminhar a leitura de jornais, almanaques e revistas, promover a realização de algum a formação de liderança na área política, cultural, social e religiosa. (KREUTZ, 2004:133). Uma perspectiva organizada de desenvolvimento, gerenciada a partir de micro-regiões de produção, com coordenação política mediada pelos professores rurais, que balizavam e avalizavam processos de inovação tecnológica.

Podemos concluir que muitos dos formados na Escola Rural La Salle não atuaram no magistério rural, o fizeram com um fim amplo de formação, potencializador de novas perspectivas de vida, atuação em áreas profissionais diversas, visto que o conjunto de conhecimentos adquiridos lhes potencializava para tal. A comunidade Cerrolarguense sempre teve como propósito a urbanização e desenvolvimento econômico-cultural e a Escola Normal Rural La Salle foi importante elemento nesse processo.

REFERÊNCIAS

- FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**, Rio De Janeiro, Graal, 1979.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir**. Petrópolis, Vozes, 1997.
- JULIA, D. A cultura escolar como objeto histórico. Tradução: Gizele de Souza. **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas, n. 1, p. 9-43, 2001.
- KREUTZ, L. Escolas comunitárias de imigrantes no Brasil: instâncias de coordenação e estruturas de apoio. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 15, p. 158-175, set./dez. 2000.
- _____. **O Professor Paroquial: magistério e imigração alemã**. Pelotas : Seiva, 2004
- NORA, P. **Entre memória e História** : a problemática dos lugares. *Projeto História*, São Paulo : Educ, n. 10, 1993.
- POLLACK, M. Memória e identidade social. **Estudos históricos: teoria e história**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992.
- ROCKWELL, Elsie. De huellas, bardas Y veredas: una historia cotidiana en la escuela. In ROCKWELL, E. (coord). **La escuela cotidiana**. México, D. F.: Fondo de Cultura Económica, 1997, p. 13 – 57.

ROUSSO, H. A memória não é mais o que era. In: FERREIRA, M. de M.; AMADO, J. (Coord.) **Usos e abusos da história oral**. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 1998. p. 93-101.

WERLE, Flávia. **Escolas Normais Rurais no Sul do Brasil**: Mobilizando para o Mundo Rural e Valores Religiosos. VI Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação. Recursos e Desafios da Pesquisa e do Ensino de História da Educação. 17 a 20 de abril de 2006, Uberlândia – Minas Gerais – Brasil.. p. 68.

WERLE, Flávia. **História das Instituições Escolares**: Formação do Professor para a Zona Rural. V Jornada do HISTEDBR – UNISO – SOROCABA. 9 a 12 de maio de 2005.

Entrevistados

Lauro Wallau. Entrevistadora: Professora Flávia Obino Corrêa Werle. Cerro Largo, 5 de janeiro de 2006.

Roque Spohr. Entrevistadora: Professora Flávia Werle, 04 de janeiro de 2006.

Pedro Hamersky. Entrevistador Carmo Thum. Cerro Largo, 07 de Julho de 2006.

Enio Moscom. Entrevistador Carmo Thum. Cerro Largo, 07 de Julho de 2006.

Otto H. Kuhn. Entrevistador Carmo Thum. Cerro Largo, 06 de Julho de 2006.